

ANÁLISE DA ANIMAÇÃO MOANA: REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTIDA NO FILME INFANTIL

ANALYSIS OF MOANA ANIMATION: REFLECTIONS ON GENDER VIOLENCE CONTAINED IN THE CHILDREN'S FILM

Recebido em: 28/03/2023

Aceito em: 23/05/2023

Denise Cristina da Costa França dos Santos¹ 

Vanessa Cristina Scaringi² 

Andreza Marques de Castro Leão³ 

Resumo: Considerando a influência que os filmes exercem sobre hábitos e costumes das pessoas bem como a sua difusão nas práticas de ensino nas escolas, os quais podem interferir no comportamento de meninos, meninas e mulheres, buscou-se analisar o filme Moana (2017), visto como uma das melhores animações dirigidas ao público infantil. Isto posto, esse estudo, de caráter qualitativo, teve como objetivos: descrever cenas do filme; identificar, interpretar e refletir sobre os elementos que caracterizam a violência de gênero presente no enredo. Em continuidade, a despeito dos caminhos metodológicos, optou-se pelo emprego do PROVOQUE - Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos (Baliscei, 2019), um conjunto de procedimentos que orientam investigações voltadas para questionar, refletir e discutir imagens. Dessa forma, o estudo apontou que o filme sustenta comportamentos voltados à insubmissão das mulheres perante os homens, à cultura do corpo ideal, à heteronormatividade, à prática do *bullying* e ao feminicídio contraposto por cenas de incentivo ao empoderamento das mulheres. Diante disto, faz-se de suma importância direcionar o olhar das pessoas, adultos e crianças, sobretudo de professores e professoras, para o uso de filmes infantis em face ao efetivo combate à violência de gênero.

Palavras-chave: Filme; Gênero sexual; Mulheres; Violência.

Abstract: Considering the influence that films exert on people's habits and customs as well as their diffusion in teaching practices in schools, which can interfere with the behavior of boys, girls and women, we sought to analyze the film Moana (2017) as one of the best animations for children. That said, this study, of qualitative character, had as objectives: to describe scenes of the film; to identify, interpret and reflect on the elements that characterize the violence of gender present in the plot. In continuity, despite the methodological paths, we opted for the use of PROVOQUE - Problematizing Visualities and Questioning Stereotypes (Baliscei, 2019), a set of procedures that guide investigations aimed at questioning, reflecting and discussing images. Thus, the study pointed out that the film supports behaviors aimed at the insubmission of women before men, the culture of the ideal body, heteronormativity, bullying and femicide opposed by scenes that encourage the empowerment of women. Given this, it is of paramount importance to direct the gaze of people, adults and children, especially teachers and teachers, to the use of children's films in face of the effective fight against gender violence.

Keyword: Film; Sexual gender; Women; Violence.

¹ Aluna de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara. Email: denise.cristina@unesp.br

² Aluna de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara. Email: vc.scaringi@unesp.br

³ Livre docente no programa de Pós-graduação em Educação Escolar e Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Araraquara. Email: andreza.leao@unesp.br

INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de discussões geradas no interior da disciplina Sexualidade, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Araraquara. Durante a disciplina, foram oferecidos momentos de reflexão e debate sobre o uso de artefatos culturais como os filmes, as músicas e as propagandas televisivas as quais influenciam de forma significativa o desenvolvimento das crianças por meio de símbolos que representam as feminilidades e as masculinidades e que se manifestam no comportamento das pessoas desde a infância.

Sabendo que a produção fílmica é um artefato cultural de grande relevância na sociedade comumente utilizado enquanto ferramenta pedagógica na educação das infâncias, optou-se por abordar especificamente aspectos da violência de gênero presentes no filme *Moana* (2017) dado a simpatia que as crianças tem por essa animação infantil.

Ao partirmos do princípio de que os processos de recepção audiovisual não são aleatórios, mas culturalmente constituídos, precisamos considerar que um filme não é composto apenas por uma mensagem a ser decifrada, mas pela organização sistematizada dos modos de compreensão e sensibilidade sobre o que se ouve e vê (COSTA, 2018, p. 361).

Aliás, cabe mencionar que são muitos os personagens fílmicos que agradam e aguçam a curiosidade do público infantil, porém, nem todos os filmes que são criados, respeitam o momento do desenvolvimento e da formação da sexualidade em que as crianças se encontram. Alguns trazem a possibilidade de debates, no entanto, se faz premente uma prévia análise de seu conteúdo antes de apresentá-lo ao público infantil, para que imagens estereotipadas não sejam incentivadas.

Com efeito, o início do século XX marcou o pioneirismo das animações infantis. Inicialmente, em diversos países do continente europeu, exploravam narrativas visuais com uso de fantoches e teatro de sombras. Neste mesmo período histórico, nos Estados Unidos, faziam-se animações com técnicas do cinema mudo. Um dos personagens mais queridos do público infantil foi o Gato Félix (*Felix The Cat*). Criado por um cartunista, este personagem se apresentava sempre carismático e feliz, disposto a resolver todo o tipo de problema. No entanto, incentivava, nas entrelinhas, uma certa passividade muito esperada nas crianças.

Neste âmbito, os filmes estimulavam a imaginação, trazendo à luz a representação de uma determinada realidade talvez pouco percebida aos olhos infantis. A passividade infantil pode levar a criança a sentimento de insegurança, medo e, inclusive, ocasionar dificuldades de enfrentar os conflitos.

Outrossim, com a popularização do cinema infantil e a ascensão da era digital, vieram outras produções comerciais voltadas à venda de produtos e ao lucro com o consumo voltado para crianças. Tal fato repercutiu em consonância à expansão das escolas, trazendo a possibilidade do uso de filmes como estratégia para a aplicação dos conteúdos escolares. O uso de filmes, como recurso pedagógico na escola, foi percebido como uma vantagem para o incentivo de novas metodologias de ensino, bem como para o enriquecimento da aprendizagem e do conhecimento de mundo, favorecendo a formação crítica e reflexiva das crianças enquanto cidadãos.

Considerando isso, o presente artigo apresentará as cenas que enfatizam a violência de gênero presentes na animação infantil *Moana*, dada a leitura cinematográfica dos costumes, hábitos e vivências dos nativos da Polinésia (Oceania) que se misturam às histórias do povo havaiano com o personagem coadjuvante, Maui. Ademais, este estudo se volta a este filme por ter como personagem cerne uma menina, e por abranger, de maneira direta e indireta, questões relativas a estes povos, pouco apresentados em filmes voltados às crianças.

Os filmes, especialmente da *Walt Disney Company*, apreciados pelo público infantil e adulto, trazem muitos personagens que contribuem para a valorização ou desvalorização de atitudes, comportamentos, hábitos, costumes, etc. Os tais príncipes e princesas por séculos povoaram a mente das meninas e meninos sob a perspectiva da supremacia branca. Geralmente baseados em contos de fadas europeus, abordavam somente o ponto de vista da pessoa branca, ocultando as pessoas negras, exceto se fosse exercendo atividades como serviços forçados ou domésticos. “O racismo é um elemento deste jogo: será por isso que parte da sociedade não verá qualquer anormalidade [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 142) na submissão das pessoas negras perante as brancas.

Recentemente, o primeiro filme trazendo como protagonista uma princesa negra, *Tiana*, intitulado *A princesa e o sapo* (2009), possibilitou a quebra desses paradigmas e abriu caminhos para a desnaturalização da imagem das pessoas negras vistas como sujeitos inferiores e a reflexão junto às crianças sobre o racismo. Certamente a valorização racial é

muito importante de ser notada com Tiana e conseqüentemente com Moana e tantas outras princesas e príncipes negro, já que essas personagens são descritas como inteligentes, corajosas, destemidas, valentes, sujeitos habilidosos, de deveres e de direitos, tornando-se exemplo para outras meninas e meninos e especialmente para as garotas negras que até então não se viam representadas dessa forma na sociedade.

Sabe-se que no decorrer da história do imperialismo estadunidense houve demasiada resistência do povo havaiano à supremacia branca, assim como dos polinésios. Tal fato ocorreu com a finalidade de extirpar, por meio da violência, a organização cultural, social e econômica dos nativos das ilhas do Havaí. A ilha de Mauí, rica em florestas, quedas d'água, vulcões, foi, por muito tempo, alvo da superexploração de seus/suas trabalhadores/as e de seus recursos naturais. Curiosamente, no filme, Mauí é o nome de um semideus de conduta machista, tal qual a condição da organização social da verdadeira ilha de Mauí, no Havaí.

Neste contexto, a privatização dos recursos hídricos para os campos canavieiros também foi uma característica de domínio sobre o solo havaiano, muito bem caracterizada no filme Moana. A exemplo real, a ilha de Mauí, diferentemente do personagem coadjuvante, é símbolo de luta contra o controle patriarcal sobre as vidas e as terras do povo havaiano. Dessa forma, muitas cenas da animação infantil ocorrem com a personagem protagonista sendo guiada pela força das águas, assim demonstrando a luta dos povos havaianos e polinésios contra a soberania das nações opressoras. No entanto, muitas cenas deixam nas entrelinhas das interpretações dos/das telespectadores/as, símbolos que demonstram a influência da supremacia branca sobre a organização do povo havaiano e do povo polinésio, sobretudo no que se refere à vida das mulheres e das meninas da ilha de Mauí e da ilha polinésia, retratada como cenário para o filme.

Com base nessas inquietações, esse estudo tem como objetivos: descrever cenas do filme, bem como identificar, interpretar e refletir sobre os elementos que caracterizam a violência de gênero presentes na história retratada pelo filme, trazendo leis e autores/as que explicam os temas abordados a partir da descrição das cenas.

Em continuidade, será apresentado o caminho metodológico adotado, bem como os dados recolhidos e discutidos, enfatizando os resultados obtidos.

CAMINHO METODOLÓGICO

Há muitos campos de estudos que oferecem pressupostos teórico-metodológicos para

268

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i3.587>

REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

ISSN 2674-8703

v. 5, n. 3, mai.jun. 2023

CEEINTER

refletir e orientar estudos que investigam artefatos visuais. Dessa forma, para esse artigo, optou-se pela cultura visual. Nunes (2015, p. 124) afirma que “[...] a experiência social é afetada por imagens e artefatos que configuram práticas do mostrar, do ver e do ser visto, sendo um campo crítico/político que pensa e problematiza nossas experiências visuais”.

Dentro desse pressuposto, Baliscei (2019) criou uma ferramenta de análise de imagens que denominou de PROVOQUE (tabela 1), abreviação para Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos, da qual far-se-á uso para analisar cenas do filme Moana. Optou-se por essa metodologia por ser totalmente voltada à análise de estudos científicos na área das artes visuais. Nela, há cinco etapas as quais “oferecem ações analíticas distintas para que imagens estereotipadas sejam analisadas em situações de ensino e pesquisa” (BALISCEI, 2019, p. 283), uma forma de ensinar a olhar os múltiplos movimentos possíveis na arte seja pelo olhar do/a docente na escola ou pelo/a pesquisador/a. Dentro deste conceito, tanto docentes, quanto pesquisadores/as são considerados/as “intérpretes visuais”.

Na etapa 1 – Flertando, fez-se a seleção do *corpus* de análise, momento em que foi selecionado o filme e, por conseguinte, uma ou mais imagens as quais causam estranhamento, repulsa e/ou incômodo como os empurrões levados por Moana e/ou os comportamentos estereotipados de alguns dos personagens, vistos em determinados trechos do filme.

Seguiu-se para a etapa 2 – Percebendo, onde o *corpus* de análise foi exposto entre as pesquisadoras para a investigação crítica, oportunizando o debate sobre os estereótipos identificados nos quadros de vídeo, estabelecendo relações entre as imagens e a narrativa fílmica. Neste ponto, os detalhes foram considerados desde a entonação das vozes e as expressões faciais nos rostos dos desenhos, aos estados de ânimos dos personagens.

Em continuidade, na etapa 3 – Estranhando, foi o momento de lançar perguntas capazes de problematizar os estereótipos oferecidos pelas/nas imagens, duvidando do que está posto e aceito socialmente como comportamento natural, enfatizando a ideia de que elementos culturais presentes em animações infantis estão passíveis de questionamentos e de ressignificação. “Por meio dessa suspeita, é possível verificar que determinados sujeitos, corpos, gêneros, sexualidades, raças, etnias e profissões são valorizados e evidenciados, ao passo que outros são desqualificados em estereótipos ou até mesmo invisibilizados” (BALISCEI, 2019, p. 293-294) como o semideus másculo, Maui em relação ao galo de Moana, o deficiente Heihei.

Seguiu-se para a etapa 4 – Dialogando, momento no qual os estereótipos elencados são confrontados perante conceitos, teorias, dados, respaldados por artigos científicos, teses, leis que versem sobre a temática levantada como a heteronormatividade, a violência de gênero, as masculinidades e feminilidades, as relações de poder, bem como a inclusão e/ou exclusão social e sexual.

Por fim, chegou-se à Etapa 5 – Compartilhando, sugerindo uma partilha entre as pessoas através da publicação de um artigo em periódico especializado.

Neste tipo de investigação, pode-se utilizar todas as etapas e/ou apenas algumas, estando juntas ou separadas. A tabela 1 traz as orientações sobre as etapas do PROVOQUE e as perguntas norteadoras para a aplicação do estudo.

TABELA 1 – PROVOQUE: Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos

Etapas	Verbos/Ações	Síntese	Perguntas
Flertando	Buscar; Escolher; Reunir; Justificar;	1) Compor o <i>corpus</i> de análise; 2) Expor os critérios adotados para a seleção	É interessante e necessário analisar quais imagens? Por quê?
Percebendo	Mostrar; Narrar; Analisar; Interpretar;	1) Apresentar visualmente e verbalmente as imagens selecionadas; 2) Chamar atenção para representações específicas, preparando-as para a análise;	Quais imagens foram selecionadas? Como elas são compostas? Que histórias contam?
Estranhando	Questionar; Incomodar (-se); Suspeitar; Denunciar;	1) Formular; e 2) lançar perguntas que problematizem os estereótipos oferecidos pelas/nas imagens;	A quem essas imagens (des)favorecem? Como representam a mim e ao/à outro/a?
Dialogando	Pesquisar; Desestabilizar; Comparar; Relacionar;	1) Promover diálogos, por exemplo, com textos científicos e com outras imagens;	Como a produção científica analisa esse tema? Quais imagens são diferentes daquelas que compõem o corpus de análise?
Compartilhando	Divulgar; Oferecer; Trocar; Produzir.	1) Socializar as vivências proporcionadas pelo PROVOQUE	Como é possível divulgar os conhecimentos construídos no PROVOQUE?

Fonte: Baliscei, 2019.

Com base nos procedimentos adotados, utilizando-se, para discussão, algumas das etapas do PROVOQUE, selecionou-se o filme estadunidense Moana (título original) ou Moana, um Mar de Aventuras (título adotado no Brasil), lançado em 2016 sob direção de John Musker e Ron Clements e roteiro de Jared Buash, Chris Williams, Don Hall, Pamela Ribbon, Aaron Kandell, Jordan Kandell e Ron Clements, distribuído pelo estúdio cinematográfico Walt Disney.

No Brasil, esse filme teve a sua estreia em 5 de janeiro de 2017. Na época, o filme recebeu a aclamação da crítica com elogios direcionados à sua animação, música e dublagem. Moana arrecadou 642 milhões de dólares em todo o mundo. Dentre as vozes originais dos/as personagens, participaram atores hollywoodianos famosos como Dwayne Johnson, contando como protagonista a jovem atriz e cantora havaiana Auli'i Cravalho. Na dublagem em português, participou, como protagonista Moana, a jovem atriz, cantora e dançarina brasileira Any Gabrielly.

O filme conta a história de Moana, única filha do chefe de uma tribo chamada Motonui, escolhida pelo próprio oceano para partir em busca de uma pedra mística. No filme, a ilha de Motonui foi inspirada pela verdadeira Motu Nui, localizada no Chile. Além disso, as vivências da protagonista polinésia se intercalam com as histórias do povo havaiano, sugeridas pelo nome do personagem coadjuvante que retrata o vínculo entre a mitologia havaiana e maori (neozelandesa).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante da sinopse, anteriormente apresentada, e das imagens cinematográficas, bem como das letras musicais e do roteiro que determinam o conjunto de ações e comportamentos das personagens, foi possível identificar os elementos que o filme atribuiu aos papéis de gênero como incentivo à construção de masculinidades e feminilidades na sociedade.

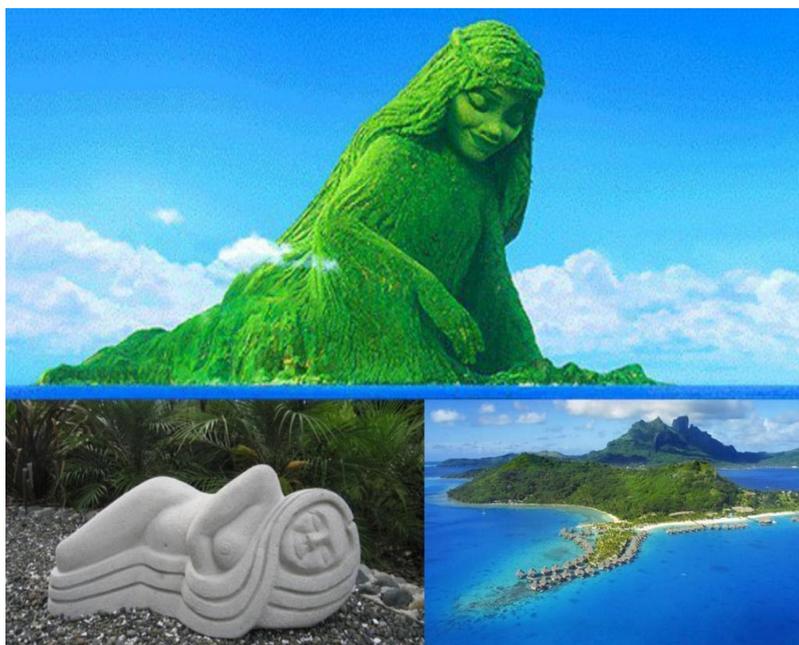
Segundo Costa (2018, p. 363), o filme "desenvolve um processo de educação [...] cuja configuração [...] organiza um viver cultural e social, permeado de representações [...] nas quais percepção e imaginação são educadas segundo planos de inteligibilidade".

Inicialmente, as cenas trazem a ilha de Te Fiti (figura 1), a deusa mãe, como menção aos resquícios da era matriarcal. A ilha simboliza a luta contra o patriarcalismo, aludido no filme como uma maldição. Por isso, a ilha fora destruída pelo semideus Maui, “trapaceiro e

transmorfo”, também com comportamento preconceituoso, narcisista e sexista. Este personagem compõe a imposição da era patriarcal sobre a matriarcal, evita demonstrar o medo que tem dos poderes da deusa e luta contra demônios na disputa pelo território.

Desse modo, essas primeiras menções levam a uma aproximação com a história de Adão, Lilith e Eva, mencionada pela bíblia hebraica de tradição judaica e pela literatura rabínica. Larraia (1997) analisa o mito de Lilith, primeira esposa de Adão, e discorre sobre as distorções do Velho Testamento, apresentando as adequações do livro aos padrões sociais e morais vigentes no decorrer dos séculos. Lilith é apresentada como uma mulher insubmissa à dominação masculina, portanto conhecida como a rebelde e sedutora “demônia” com dom de gerar filhos demônios e, por estas características, substituída por Eva. Adão recorre ao criador que envia anjos para afogar Lilith no mar, assim como aconteceu com Te Fiti, assassinada. Indaga-se, à vista disso, seria Te Fiti uma Lilith ou a próxima Eva?

IMAGEM 1 - A deusa Te Fiti se transformando em ilha, a escultura da mãe-terra e a real ilha na Polinésia



Fonte: Elaboração própria.

A morte de Te Fiti personifica o feminicídio. A palavra feminicídio ganhou destaque em território nacional com a aprovação da Lei Federal nº 13.104 (Brasil, 2015), popularmente conhecida como a Lei do Feminicídio. Essa lei criminaliza o assassinato de mulheres cometido em razão do gênero, ou seja, a vítima é morta por ser mulher, assim como no filme.

272

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i3.587>

A referida lei é uma forma de incentivo à criação e atuação de redes de apoio no combate à violência de gênero. Há também a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 10 de junho de 2021 com a Lei nº 14.164 (BRASIL, 2021) a qual orienta a inclusão de conteúdos de prevenção à violência contra a mulher no currículo da escola básica, embasando práticas escolares voltadas ao empoderamento das meninas desde a tenra infância.

Esse destaque se deu a partir das reivindicações dos movimentos das mulheres que possuem várias ramificações de luta. Para Soares (1994, p.13), o “movimento de mulheres nos anos setenta trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas na defesa de seus direitos e necessidades [...]”. E é a partir dessas lutas e reivindicações que emergem, na década de 1980, estudos apontando as experiências da relação entre os sexos, gerando hierarquias as quais conduzem à desigualdade social. Na década 1990, algumas universidades brasileiras colocaram em evidência as discussões de gênero, entre elas, a Universidade de Campinas (Unicamp), criando o Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU, e, mais tarde, nos anos 2000, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), o Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX, referências nacionais para as pesquisas na área.

Em continuidade ao enredo, após as cenas trazerem a infância de Moana, por insistência de seu pai, o Chef Tui, a menina, agora adolescente, tem a responsabilidade de se tornar a próxima chefe da ilha, mas devido à estreita amizade com sua avó Tala, mantém o sonho de deixar a ilha viva. Ela descobre que, devido à maldição, todos os peixes desapareceram das praias e os cocos estão estragados, então insiste em ir além dos recifes para pescar mais peixes, mas o seu pai a impede. "A vigilância sobre os corpos infantis é uma prática recorrente. Pouco se dialoga sobre corpo, [...] medos e dúvidas com as crianças. Mesmo com o silêncio, a educação sexual se processa com o aprendizado [...]" (XAVIER FILHA, 2016, p. 89), assim como ocorre com as dúvidas que perpassam a mente de Moana e a sua forma de aprender sobre a vida.

A mãe da menina, Sina Waialiki, na tentativa de justificar a falta de diálogo entre pai e filha, confessa que ele age assim porque perdeu um amigo enquanto realizavam viagem noturna pelas águas implacáveis dos mares. Dessa forma, o pai nega à filha informações e incentivos, impondo o medo e desmentindo os conselhos dados pela avó à menina. Tem-se aqui algo semelhante à alienação parental.

Segundo a Lei nº 12.318/10 (Brasil, 2010), considera-se alienação parental a interferência negativa na formação moral e psicológica da criança e/ou adolescente, promovida ou induzida pelo pai, mãe, avô e/ou avó ou por qualquer adulto/a da família mediante obstáculos que dificultam ou impeçam boas relações com o/a outro/a genitor/genitora. Inclusive, fere os direitos fundamentais da criança e/ou adolescente ao convívio saudável com a família. Tal comportamento, considerado tóxico, induz a vítima ao estresse, provocando sérios problemas à saúde do corpo, comprometendo o desenvolvimento pleno da criança e/ou adolescente. Dessa forma, se faz presente a organização patriarcal na família de Moana.

Embora o patriarcado diga respeito, em termos específicos, à ordem de gênero, expande-se por todo o corpo social. [...] O valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social. (SAFFIOTI, 2015, p. 130).

A criança/adolescente Moana carrega a curiosidade para as descobertas e quer desbravar o mundo, mesmo em meio ao controle de sua família. A menina quer viver livremente a sua sexualidade. O que há além-mar? Os mitos utilizados pelos/as adultos da aldeia como o coração de Te Fiti se mantêm para negação do conhecimento sobre o mundo para manter o controle das crianças (e por vezes de outros/as adultos/as) da aldeia, costumes alicerçados nas tradições que perpassam de geração para geração.

Segundo James, Jenks e Prout (2000, p. 2008) “[...] um redirecionamento do foco para os corpos materiais das crianças poderia permitir-nos explorar a infância como construção do discurso e como um aspecto [...] que molda relações sociais tanto quanto é moldado por elas”, assim as infâncias e os corpos seja de Moana ou de qualquer pessoa poderiam ser notados como uma construção sociocultural para além do caráter biológico.

No entanto, Moana, colocada no posto de grande chefe do seu povo, filha de um casal heterossexual, é incentivada constantemente à vida nos padrões heteronormativos adotados por sua família e, conseqüentemente, por seu povo. A heteronormatividade caracteriza a legitimidade e privilégio dos relacionamentos heterossexuais como fundamentais e naturais na sociedade.

O termo é usado para a exploração e crítica de normas tradicionais de sexo,

identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade e implicações sociais. É também descritivo de um sistema dicotômico de categorização que vincula comportamento social e autoidentidade com o tipo de genitália de cada um. (...) heteronormatividade seria o conjunto de instituições e estruturas de compreensão e orientação prática que, apoiada na heterossexualidade, mantém hegemonia por meio de subalternização de outras sexualidades, impondo seu modelo (SANTOS, 2015, p. 87).

Com isso, pretende-se que Moana adote um papel social voltado aos moldes masculinos, educada sob discursos limitantes como “Primeiro deve aprender qual o seu lugar... Criar raízes, crescer aqui, é o seu destino... Você nasceu para estar aqui! Dá pra ser feliz no seu lugar...”. Essas falas fazem parte da música “Seu Lugar”, disseminada no filme. A música retrata o conflito entre o pai e a filha adolescente: muita responsabilidade a ela, sempre sob supervisão, o que não agrada o pai, não é aceito. Aparece aqui, então, uma relação de poder, e no caso, de desigualdade de gênero. Moana só será chefe sob a supervisão masculina, assim como tantas mulheres no mercado de trabalho.

Em face das cenas observadas, em meio a neblina que simboliza o desconhecido, a noite como solidão, a luz como caminho da salvação, a letra musical ainda descreve o costume de quem mora na aldeia: somente as mulheres dançam e aguardam os homens nas pescarias. As mulheres têm características corporais semelhantes (magras, silhuetas delineadas, cabelos longos, usam saias, somente). Já os homens têm corpos fortes, torneados e sarados, usam coque ou cabelos longos e soltos, provindos da Antiguidade grega, onde os cidadãos utilizavam cabelos longos para não serem confundidos com os escravos, e tatuagens, desde o antigo Egito, aparecendo também na Roma antiga, utilizada em soldados.

Em uma das cenas, Moana acompanha um integrante da aldeia durante a execução de uma tatuagem; este disfarça a dor para não parecer fraco. Em contrapartida, aparece em determinado trecho da película, os cocos piratas, figuras que simbolizam o homem perigoso e matador. Destarte, surge o conceito de masculinidade hegemônica, definido como a prática que legitima a posição dominante dos homens na sociedade e justifica a subordinação das mulheres e de outras formas marginalizadas de ser um homem, como exemplo a potencializadora expressão “homens não choram!”.

As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal, e como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens [...] são como tentar subir uma montanha que não tem topo - eles lutam com determinação, mas nunca

chegam. No entanto, os esforços dos homens em se conformarem à masculinidade ideal também se vinculam à reprodução da ordem maior de gênero (SABO, 2002, p. 40).

Os discursos que surgem pelos mecanismos de heterossexualidade, continuam sendo centrais para a produção de masculinidades, que vão além da masculinidade hegemônica, como Moana que, para demonstrar a mesma força masculina, necessita do coque que os homens da sua tribo utilizam no cabelo.

Sucessivamente, Tala mostra à Moana uma caverna secreta escondida atrás de uma cachoeira onde têm barcos à vela criados pelos seus antepassados. A menina descobre que eles eram viajantes, homens livres, desbravadores. Se os homens podem viajar pelos mares e oceanos, por que não as mulheres?

Assim sendo, Tala dá a Moana o coração de Te Fiti, após mostrar-lhe a maldição que drena a vida das árvores e da própria ilha, afirmando que a única maneira de salvar o seu povo é fazendo a devolução da pedra à deusa. Agora, as falas musicadas da avó têm forte impacto em Moana que se sente motivada. Canta a avó para a menina: “meus pés deslizam na água, adoro seu vai e vem. A água faz só o que quer. Não liga pra mais ninguém. A vila me acha louca, diz que eu sonho até demais, mas quem sabe ser feliz não volta atrás [...] siga sempre esse sonho que te atrai. A voz que diz num sussurro que a estrela vai te guiar, Moana, essa voz é sua, é seu lugar”, e dessa forma investe na emancipação da sexualidade da neta, empoderando-a. Enquanto vive, a avó Tala incentiva a menina a quebrar a maldição, ou melhor, a enfrentar a dominação masculina. Essa consciência coletiva, expressada por ações para fortalecer as mulheres e desenvolver a equidade de gênero, é uma consequência do movimento feminista e, mesmo estando interligados, são coisas diferentes. Empoderar-se é o ato de tomar poder sobre si.

De acordo com Sardenberg (2012, p. 2) “o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação [...] implica na libertação [...] das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal [...] o objetivo maior é questionar, desestabilizar [...]” e Tala desestabiliza de forma sensata a neta à coragem para enfrentar os entraves que impedem a sua liberdade, demonstrando que o empoderamento é um processo necessário em nossa sociedade para pôr fim às opressões que vivem muitas mulheres.

Após a morte de sua avó, Moana parte com um dos veleiros encontrados na caverna e

com Heihei, um galo, estrábico. Apresenta deficiência intelectual, apresentado no filme em momentos de humor. Enfatiza-se a participação do galo com deficiência como alegoria, sempre minimizado porque é frágil. A relação entre o galo e Mauí caracteriza a prática do *bullying*, a todo momento que Mauí o chama de “frango”, dando-lhe socos na cabeça ou o colocando-o à força em uma caixa. No entanto, Moana aceita o galo tal como ele é, e o protege, sem isolá-lo ou desprezá-lo.

O enredo prossegue com Moana em busca de Mauí. Passando por percalços, o veleiro em que se encontra é atingido por uma onda, fazendo com que a menina perca a consciência e acorde, na manhã seguinte, em uma pequena ilha habitada por Mauí que, após distraí-la, aprisiona Moana em uma caverna, simbolizando o crime de cárcere privado. A fim de se proteger, pensando na fuga, Moana tenta convencê-lo a ajudá-la, utilizando-se da psicologia reversa (técnica de persuasão) com a frase “Você será visto como um herói”. Quantas jovens mulheres já foram vítimas desses crimes bárbaros e hediondos?

A história nos é farta em oferecer exemplos. Há fatos que se tornaram filmes como o caso do drama estadunidense *Sequestros de Cleveland* (2015) em que retrata a vida de três garotas, mantidas em cativeiro desde os anos 2000 até 2013, em Ohio, Estados Unidos. Eram frequentemente estupradas, violentadas moral e psicologicamente, ameaçadas, acorrentadas. Outro filme, intitulado *3096 Dias* (2013) descreve o sequestro de uma garota austríaca de nove anos, capturada em Viena por um pedófilo e mantida em cativeiro de 1998 a 2006. Da mesma forma que Moana, a garota austríaca também elaborou estratégias de sobrevivência, pensando como se veria livre das constantes agressões.

Moana consegue escapar e descobre que o semideus roubou o seu veleiro. As forças das ondas a levam de encontro a Mauí. As ondas são caracterizadas como uma mão que a recolhe, ajudando-a. No Brasil, na última década, diversas secretarias de políticas públicas com participação da sociedade civil também estenderam as mãos na tentativa da criação de redes de apoio com campanhas de conscientização ao combate à violência contra as mulheres e as meninas. É o caso da campanha Agosto Lilás, lançada pela Câmara dos Deputados em alusão aos 15 anos de promulgação da Lei Maria da Penha, nome em referência à luta da farmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes após, por anos, sofrer violência doméstica e tentativas de homicídio.

O anuário divulgado pelo Fórum de Segurança Pública (2020), em sua última edição,

registrou a taxa de violência contra meninas e mulheres no Brasil. Conforme os dados levantados, “em 2020 o país teve 3.913 homicídios de mulheres, dos quais 1.350 foram registrados como feminicídios [...]. Em números absolutos, 1.350 mulheres foram assassinadas por sua condição de gênero, ou seja, morreram por serem mulheres.” Tantas Marias... Tantas Moanas...

Por conseguinte, Moana recupera o veleiro e se vê frente ao semideus que a puxa forçosamente pela mão, dizendo “Vem com o papai”, aludindo às cenas de violência física. Em continuidade, para cometer violência psicológica, o homem mais velho demonstra simpatia e tenta convencê-la de que não conseguirá cumprir a sua missão sem ele. No entanto, Moana retruca “Você não é o meu herói”, mas por um momento se vê seduzida por ele. O Instituto Maria da Penha (IMP) demonstra de forma bastante didática os ciclos da violência doméstica, muito parecido com os ciclos que perpassam o relacionamento de Moana com seu parceiro tóxico, o “mestre navegador”.

Sendo assim, o ciclo de violência contra a mulher, segundo o IMP (2009), ocorre em três fases. Na primeira, chamada Aumento da Tensão, o agressor, com humor bastante alterado, ameaça a vítima, destruindo o que encontra pela frente. Na segunda fase, conhecida como Ato de Violência, o agressor perde totalmente o controle, praticando várias violências contra a mulher, sendo elas: verbal, física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, impossibilitando a vítima de qualquer reação ou defesa. “Filhinha, você não devia estar na aldeia cuidando dos bebês?”, diz Mauí à Moana. Por fim, a terceira fase encerra o ciclo conhecido como “lua de mel” ou Arrependimento e Comportamento Carinhoso, momento em que a mulher se sente confusa e, pensando se reconciliar com o parceiro, agora arrependido e amável, mantém-se no relacionamento e não realiza a denúncia.

Assim, o semideus transmorfo, ora águia, outrora tubarão, quando muda de forma, remete ao comportamento de um agressor quando na fase 3, convencendo a vítima de que mudou o seu comportamento e a forma de agir. Quando tudo parece pacificado, volta-se à fase um e dois, e Mauí agride Moana novamente, empurrando-a na água, após se incomodar com seus questionamentos.

Moana não se vê sem a companhia de Mauí, e ao chegar na ilha, vai atrás do semideus; pula no abismo, chegando ao fundo do poço para alcançar o que deseja. Lá será devorada e comida por muitos monstros como no submundo da prostituição forçada. Será

Mauí um cafetão? Mauí só é forte quando está armado com seu anzol, o seu órgão sexual masculino, talvez, potente e voraz, que agora se encontra no covil de Tamatoa, o grande caranguejo. Com isso, Mauí incentiva e instrui a garota a distrair o grande monstro, cheio de jóias e riquezas, que diz à menina: “Até que você é engraçadinha”. De maneira convencida, com expressão facial maldosa, continua: “Brilho mais que o colar que arranquei, me empolguei” assim como o cliente milionário quando recorre à força ao estuprar uma menina vulnerável; com satisfação, macula a sexualidade da garota.

Mais tarde, de volta ao veleiro, a garota, já em posse do coração de Te Fiti, aprende sobre navegação ao observar as estrelas. O coração se torna uma espécie de amuleto, um placebo consumível para a estima, algo palpável para se ter coragem, como os meninos incentivados a terem carros possantes e as meninas, o silicone. Aparentemente, os dois se tornam próximos. Eles chegam a Te Fiti onde Te Ka aparece e tenta destruí-los. Mauí luta, impedindo que Moana participe. Dessa vez, ela o ignora, e Te Ka destrói parcialmente o anzol de Mauí, danificando-o severamente e enviando-os para longe da ilha. Com raiva, porém temendo enfrentar sozinho a batalha, Mauí, agora impotente, abandona Moana, afirmando que o oceano escolheu a pessoa errada para salvar o seu povo e, tomando a forma de uma águia, voa para longe. Tala, a avó de Moana, reaparece em seus pensamentos, novamente a incentivando, e Moana prossegue, inspirada pela canção: “Essa luz que do mar bate em mim me invade, será que eu vou? Ninguém tentou! E parece que a luz chama por mim e já sabe, que um dia eu vou, vou atravessar para além do mar...”.

As crianças aprendem também por repetição; dessa forma, o filme típico hollywoodiano traz cenas com imagens e diálogos que mudam muito rápido, mal se dá para pensar criticamente algum aspecto que nos toca ou incomoda. Assim aconteceu com a música Saber Quem Sou, tema principal do álbum musical, a qual demonstra os conflitos da sexualidade na puberdade e a repressão sexual que ocorre aos moldes da constante censura. Com isso, “estas formas de pensar negam a concepção de criança como sujeito ativo, criativo, estético e com capacidade para dialogar, construir hipóteses sobre o mundo, sobre si mesma, sobre seu corpo, sobre a sua sexualidade” (XAVIER FILHA, 2016, p. 86), ocorrendo em uma proporção parecida na vida adolescente.

Dessa forma, Moana percebe que Te Ka é a versão violentada de Te Fiti e, aproximando-se da ilha, devolve o coração à deusa. As duas mulheres estão agora conectadas

e a maldição é desfeita. Enfim, Moana se despede de Mauí, o ciclo tóxico é desfeito, e retorna à ilha onde tudo se restabelece, agora sob a liderança de Moana. Portanto, fica evidente, no enredo, a força da mulher por meio de Moana, a qual consegue superar as inúmeras adversidades, tais como os impedimentos do pai, dos adversários encontrados pelo caminho, dos empecilhos colocados por Mauí, conseguindo trazer a abundância e a paz para a sua tribo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos filmes na educação das crianças se mostra de grande valia. Sendo assim, se bem utilizado pelos/as docentes no processo educativo, tendo o devido planejamento, demonstra ser um relevante recurso no trato de diferentes temáticas, como a violência de gênero e/ ou violência sexual, assunto tão necessário de ser abarcado na sociedade, bem como no âmbito escolar, já que as crianças passivas são mais propensas a se calarem quando submetidas à essas situações.

A educação sexual consiste em um procedimento planejado e sistematizado voltado a abranger e refletir acerca de questões da sexualidade, e pode ser desenvolvida nas escolas com uso de diferentes recursos didáticos, entre os quais, com o auxílio de filmes infantis. Este artefato cultural pode contribuir no combate a esta violência. Desse modo, investir na educação sexual no âmbito escolar possibilita repensar e desconstruir valores e hábitos arraigados de opressão que mulheres, meninos e meninas estão expostos cotidianamente.

A jornada vivenciada por Moana tem uma representação simbólica e traz características reais da luta enfrentada por mulheres que sofrem violências de todos os tipos em suas vidas, sejam essas cometidas por parceiros, por pais/padrastos e/ou empregadores. Há inúmeros obstáculos e dificuldades para que uma mulher consiga romper um ciclo de violência, mas, certamente, há meios para que isso seja possível.

O filme Moana demonstra como as tradições familiares são muito fortes e influenciadoras na sexualidade. A educação que ocorre nos relacionamentos e hábitos surgidos das crenças, valores e costumes cotidianos, educa meninos e meninas a seguirem determinados padrões impostos pela comunidade em que vivem. A célebre frase da protagonista “Sou Moana, de Motonui” deixa claro que, mesmo questionando a sua existência, retorna aos ensinamentos familiares, reprimindo a sua sexualidade, o que a expõe às situações de violência.

Neste ponto, a busca em usufruir livremente a sua sexualidade a coloca de encontro com as experiências de outras mulheres. O renascimento da deusa-mãe traz a premissa feminista “seja uma mulher que levanta as outras mulheres”. Dessa forma, fica claro que quando se enfrenta e combate todas as violências, quando se forma uma rede de apoio, as mulheres encontram possibilidades de recuperarem as suas vidas, os seus lugares no espaço e mudarem o passado.

Em suma, o incentivo a modelos de educação escolar emancipatórios, os quais permitem o empoderamento das crianças com vistas a comportamentos mais ativos e críticos, contribui na formação de crianças questionadoras e, no que lhe concerne, futuros adultos e adultas livres a usufruírem de sua sexualidade com liberdade, segurança e respeito.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo, Pólen, 2019.

BALISCEI, João Paulo. PROVOQUE - problematizando visualidades e questionando estereótipos: leitura de imagens fundamentada nos estudos da cultura visual. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 77, p. 283-298, set./out. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/XwkQ9L8TwZVKzqJbYN9kywv/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 14 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.318 de 26 de agosto de 2010**. Dispõe sobre alienação parental. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm . Acesso em: 14 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.104 de 9 de março de 2015**. Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm . Acesso em: 14 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.164 de 10 de junho de 2021**. Inclui conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica e institui a semana escolar de combate à violência contra a mulher. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.164-de-10-de-junho-de-2021-325357131> . Acesso em: 14 jan. 2023.

COSTA, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales. **Cinema e formação cultural**: os processos significativos e a experiência do sujeito-espectador na construção do conhecimento pelas imagens e sons. *Linha Mestra*, n. 36, p. 361-365, set. dez. 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/128/137> Acesso em: 14 jan. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**, São Paulo, Seepix D’lippi, 2020.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Ciclo da violência**. Recife, IMP, 2009. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>. Acesso em: 14 jan. 2023.

FERREIRA, Alvarez; ENCARNACION, Agripina. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: https://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf. Acesso em: 14 jan. 2023.

JAMES, Alison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. O corpo e a infância. In: KOHAN, Walter Omar. **Filosofia e Infância: possibilidades de um encontro**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2000. p. 207-238.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do éden revisitado. **Revista Antropologia da USP**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 149-164, set. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27065/28837>. Acesso em: 14 jan. 2023

MOANA, um mar de aventuras. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Osnat Shurer. Local: Estados Unidos, Walt Disney Animations Studios, 2016.

NUNES, Luciana Borre. Cultura visual: travessias, provisórias e encontros em processos de ensinar e aprender. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação da Cultura visual: aprender .pesquisar . ensinar**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, p.111-132.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C. B. (org.). **Coletânea gênero plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 33-46.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Welson Barbosa. **Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária**. São Paulo: Irtermeios, 2015.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: **I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres - Projeto Tempo**, Salvador: NEIM/UFBA, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6848>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SOARES, Vera. Movimento Feminista. Paradigmas e Desafios. **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, N° Especial, 2° sem. 1994.

XAVIER Filha, Constantina. Gênero e sexualidade na infância: circulação de ideias na internet. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/32134/16817> . Acesso em: 14 jan. 2023.